



“Por mais que você até arrepie os pelos, jamais sentirá na carne.”

**Xico Sá**  
ESCRITOR  
Comentando o estupro coletivo no Rio

“Para boa parte, o impeachment foi uma estratégia de fuga.”

**Celso Rocha de Barros**  
COLUNISTA DA “FOLHA DE S. PAULO”  
Sobre os áudios vazados de Romero Jucá

Não é possível esperar transformações do dia para a noite

**Ariosto da Silveira**  
Jornalista  
ariostossil@gmail.com

## A ‘siesta’ de Macri e as esperanças dos argentinos

Uma tarde de maio. Tempo fechado devido à nova onda de frio vinda dos fins do mundo, lá no pé do continente. A pequena cidade da província argentina de Misiones faz a “siesta”, para ser fiel à herança espanhola. Lojas fechadas, quase ninguém nas ruas. Não dá para tirar qualquer conclusão a respeito de mudanças para melhor ou pior na marca dos seis meses do governo de Mauricio Macri, a não ser pelo preço elevado tanto na “vinoteca” quanto na churrascaria com extravagante nome de Tio.

O bom “malbec” da região de Mendoza só compensa em relação

aos preços das lojas brasileiras pela ausência do imposto de importação. Já no restaurante, o bife de “chorizo”, bem ao gosto brasileiro, anda pela casa dos US\$ 30 (sem vinho porque o freguês está dirigindo o carro alugado). Equivale a uns R\$ 120, valor suficiente para um casal em tempos relativamente recentes e num restaurante de luxo de Puerto Madero em Buenos Aires.

Para o brasileiro em voo de pássaro no território argentino, não é mesmo fácil perceber mudança produzida pelo presidente Macri desde sua posse, em 10 de dezembro, desancando Cristina Kirchner e, com ela, uma linha do peronismo. Tanto

mais em cidade interiorana, numa das regiões mais pobres do país, na fronteira brasileira. Na verdade, a possibilidade de informação mais clara e segura se assemelha à existente no Brasil: a mudança maior nesse meio ano é ter a Argentina saído da pauta dos jornais e da televisão, em contraste com a situação anterior, em que Cristina aparecia todos os dias, sempre sob ângulo negativo.

Meio esquecido pela mídia estrangeira, Macri se viu citado por algumas medidas duras, pouco populares, portanto, com vistas a recompor o equilíbrio das contas públicas. E, no propósito de melhorar a imagem no exterior, fez um acerto

com grupos afetados pelo calote ainda na administração Néstor Kirchner, e que sua mulher e sucessora denominava “fundos abutres”.

A vitória de Macri representou, de fato, dobrar a esquina da política argentina. Decorreu, certamente, da polémica administração de Cristina, no mesmo diapasão do marido, Néstor, e do próprio peronismo, embora o casal fosse apontado como instituidor de um modelo político diferenciado. A presidente quase conseguiu fazer como sucessor outro peronista, mesmo divergente dela. Daniel Scioli liderou as pesquisas de intenção de votos até meses antes do pleito. Mas, ao fi-

nal, e por margem estreita, Macri venceu, para isso concorrendo outra característica do quadro eleitoral argentino: a forte concentração populacional, consequentemente do eleitorado, na grande Buenos Aires – e ele era o prefeito da capital, em contato direto com os eleitores.

Como no caso do vizinho parceiro, o Brasil, esperar transformações do dia para a noite na Argentina seria impossível. Não daria para afastar de imediato o pessimismo coletivo, tanto mais diante da imperiosa necessidade de medidas amargas. Então, resta agarrar-se aos fios de esperança.

A atividade da presidente afastada

**Hélio Fraga**  
Jornalista  
hfraga.rmj@gmail.com

## Prejudicando o Brasil

O direito à liberdade de expressão é sagrado em cada ser humano, mas pede-se e espera-se que a verdade dos fatos seja respeitada. Muitos brasileiros se sentiram constrangidos quando, no festival de Cannes, artistas do filme “Aquarius” exibiram cartazes afirmando que “un coup d’etat a eu lieu au Brésil” e “a coup took place in Brazil”. Pode ser a opinião pessoal desses artistas e do diretor – eles, sorridentes, e ele, de óculos escuros. Mas estavam divulgando uma mentira e sujando a imagem de nosso país.

A classe artística depende de verbas e isenções oficiais, e suas manifestações têm forte conteúdo corporativo. Os cofres federais sempre estiveram abertos para esses ativistas culturais produzirem filmes e shows para os quais o cidadão paga ingresso – portanto, nada têm de filantropia. Mamam nas tetas do governo e defendem suas boquihas.

Agora que o Brasil passa a ter, pela primeira vez nos últimos 13 anos, um Ministério das Relações Exteriores disposto a rechaçar o desrespeito aos direitos humanos e os

ataques à democracia, não se submetendo mais aos governos populistas e autoritários de Bolívia, Venezuela e Equador, é importante que nossas embaixadas não deixem sem resposta nenhum ataque desse tipo, porque estão distorcendo a verdade dos fatos.

Admitir que houve golpe, que uma presidente da República foi afastada do poder de forma arbitrária e inconstitucional, é aceitar que estejam sendo traídas e renegadas a Constituição, a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, o Supremo Tribunal Federal e a Procuradoria Geral da República (PGR). Tudo foi feito dentro da lei. E a PGR ainda tem muito mais a mostrar – esperem.

Após exaustivos debates, com amplo direito de defesa, a presidente perdeu em todas as votações: de 367 a 137 na Câmara Federal; de 15 a 5 na Comissão de Investigação do Senado; e de 55 a 22 no plenário do Senado Federal – daí seu afastamento provisório por 180 dias. Durante todo o processo, desde o início do ano, em todos os momentos, a presidente denunciou um golpe. Foi a primeira a manchar publicamente a imagem

institucional do país ao reunir correspondentes estrangeiros no Planalto para instruir em sua tese, e eles transmitiram essa mentira aos mais poderosos meios de comunicação de todos os continentes.

Até por questão de honestidade e coerência, esses correspondentes internacionais deveriam ter transmitido a seus milhões de leitores que aquela senhora descontrolada e raivosa, que alegava estar sendo vítima de um complô e de uma injustiça, era a mesma que, em nome de uma pretensa liberdade, tentara nos anos 60 transformar o Brasil numa ditadura comunista. Então, a última coisa que fez na vida foi defender a liberdade, a democracia e a Constituição.

Nesses 180 dias em que estiver afastada do poder, a presidente, em vez de se recolher à discreção, continua morando no Palácio da Alvorada, tendo jatos e helicópteros da FAB à disposição e uma legião de serviços a seu dispor, com todas as mordomias do cargo. E não se constrange em participar de manifestações públicas, como ocorreu no dia 20 último, em Belo Horizonte, insistindo na tese da armadilha golpista.

Entre o discurso e a realidade

**Alexandre Triches**  
Advogado; especialista em direito previdenciário

## A reforma da Previdência

Mais uma vez a história se repete: vemos uma crise econômica e fiscal, e anuncia-se a necessidade de nova reforma na Previdência. O discurso não mudou em nada: precisamos reduzir o déficit da Previdência Social e garantir a sustentabilidade do sistema para as novas gerações.

Segundo dados do governo, o rombo da Previdência Social é real e segue aumentando, pois o sistema brasileiro é muito benéfico, possuindo inúmeras distorções. Corriqueiramente, ouvimos declarações de que nosso sistema precisa se adequar à realidade internacional, principalmente a europeia, que passou por uma forte onda reformista nos últimos dez anos.

Não vejo como concordar integralmente com esse discurso. Ele é parcial e equivocado. Não podemos comparar a realidade do Brasil, enquanto país continental, com alta carga tributária e mais de 200 milhões de habitantes, com o cotidiano dos países europeus. Estes, via de regra minúsculos, são muitas vezes menores do que alguns

Estados de nossa Federação. Além disso, o padrão de bem-estar social europeu é substancialmente superior ao brasileiro e permite uma base para o debate completamente diferente da nossa.

Mas vamos além. Dados confiáveis, como aqueles divulgados pela Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil, no estudo denominado “Análise da Seguridade Social”, demonstram que o sistema é superavitário (renda maior do que a despesa). O discurso do déficit é falacioso, pois se origina no desrespeito ao artigo 165 da Constituição Federal de 1988, que prevê a criação, no âmbito da União, de três Orçamentos. Por meio da Desvinculação de Receitas da União (DRU), os governos têm feito uso de valores do Orçamento da seguridade social para cobrir déficits da União.

Não há dúvidas de que o sistema previdenciário brasileiro precisa de inúmeros ajustes. Não é crível que um trabalhador se aposente com menos de 50 anos de idade, principalmente considerando, atualmente, a larga expecta-

tativa de vida de homens e mulheres no Brasil. A necessidade de adequações nos benefícios por incapacidade, nas pensões por morte, no salário-maternidade, dentre outros benefícios, também é premente. Só não podemos concordar com os discursos que não sejam embasados na realidade dos números e que induzam a população para um cenário de conflito.

Acreditamos, como representantes da advocacia social, que as eventuais modificações do sistema sejam realizadas enquanto medidas de Estado, e não de governo, com a responsabilidade de escutar todos os setores envolvidos que porventura sejam afetados com as mudanças, respeitando o direito adquirido e, principalmente, de forma razoável, a expectativa de direitos. Estes me parecem ser aspectos relevantes.

E o que é principal: não esqueçamos o papel relevante que a Previdência Social desempenha na efetivação dos mínimos sociais para milhões de brasileiros nesta nossa República inacabada.

## O TEMPO

**ENDEREÇOS**  
Sede Comercial  
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151  
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920  
Web.: www.otempo.com.br  
e-mail: comercial@otempo.com.br  
Redação e Industrial  
Avenida Babilônia Camargos, 1.645  
Cidade Industrial, Contagem - MG  
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

**SERVIÇOS EDITORIAIS**  
The New York Times  
**AGÊNCIAS NOTICIOSAS**  
France Press,  
Agência Globo,  
Folhapress e  
Agência Estado

**ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**  
0800-703-4001 (interior)  
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)  
**Horário de funcionamento:**  
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h  
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h  
E-mail: atendimento@otempo.com.br

**FILIADO À ANJ**  
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br  
**Instituto Verificador de Comunicação IVC**

**PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG**  
(consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00	R\$ 246,00	R\$ 123,00
à vista ou:	à vista ou:	à vista
2 x R\$ 246,00	2 x R\$ 123,00	
3 x R\$ 164,00	3 x R\$ 82,00	
4 x R\$ 123,00	4 x R\$ 62,00	
6 x R\$ 82,00		

### ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

**SÃO PAULO / RIO DE JANEIRO / ESPÍRITO SANTO**  
Fabiano Guerra  
Gerente de Mercado Nacional  
e-mail: fabiano.guerra@otempo.com.br

**BRASILIA**  
Bueno Comunicação – SRTVS – Quadra 701 – Bloco O  
– Cont. 895 – Edifício Centro Multimercado – Asa Sul – Brasília – DF – CEP 70.340-000  
Fone/Fax: (61) 3223-6999 – (61) 8179-7215  
E-mail: daniela.bueno@bucomunicacao@odf.com.br e fbueno@bucomunicacao@odf.com.br